

Luto, Melancolia e Psicossomática

Artigo de autoria do Professor [Nahman Armony](#), Psicanalista.

PRELIMINAR

Falarei dos diversos tipos de luto através de exemplos tirados da vida e do cinema (que é uma forma de apresentar a vida). Cada narrativa terá a sua especificidade, mas tentará ser compreendida pela construção teórica freudiana que encontramos em "Luto e Melancolia" e em "Introdução ao Narcisismo". Por enquanto apresentarei apenas um dos conceitos metapsicológicos que fazem parte de um complexo maior, ao qual terei de me remeter mais adiante. Este conceito que será inicialmente usado eu o repetirei tal qual Freud o escreveu: FRASE DE FREUD EM "SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO" VOL. 14 - "Ele pode ter desviado inteiramente o seu interesse sexual dos seres humanos; contudo pode tê-lo sublimado num interesse mais elevado pelo divino, pela natureza, ou pelo reino animal, sem que sua libido tenha sofrido introversão até suas fantasias ou retorno ao seu ego[sublinhado meu]"(p.97). Por esta frase vemos que Freud admite a existência de uma zona egóica (retorno ao ego) e de uma zona de fantasia (introversão até as suas fantasias), o que se confirma em seus desenvolvimentos posteriores. Quando a libido retorna ao ego, o objeto desaparece, pois torna-se parte da pessoa. Quando a libido retorna à fantasia o objeto pode ser alcançado pela consciência, pois sendo um objeto, é algo diferente de um si mesmo. O si mesmo, aquilo que foi incorporado ao ego, é muito mais difícil de ser percebido do que o objeto da fantasia. Essa é uma noção freudiana inserida em uma estrutura maior, mas que separei por ajudar na compreensão do se segue.

Tomemos agora alguns exemplos da vida:

ELISA

- 1- Ao receber a notícia da morte da mãe vestiu-se de azul para o velório, relacionando este ato ao filme "A liberdade é azul" onde ocorre a morte de uma filha.
- 2- A mãe sofreu dois derrames e ficou longo tempo na cama praticamente inválida, tendo de ser atendida em praticamente todas as suas necessidades. Era como se fosse uma filha para Elisa.
- 3- Apegou-se aos objetos da mãe. Só lhe foi possível começar a se separar deles quando pôde reproduzir mentalmente a voz da mãe, voz esta que, desde a morte, ela não pudera mais ouvir na imaginação.
- 4- Eu diria que a voz estava não na fantasia, como está atualmente, mas no ego. Como fazia parte de si mesma, não podia ser ouvida como a voz da mãe. Freud falou desse processo quando estudou a paranóia. A voz do pai emudece ao passar a fazer parte do ego como superego. Quando há uma regressão a voz do pai retorna como uma alucinação. Em Elisa, aquilo que pertencia ao ego passou a pertencer ao mundo de fantasia; quando deseja, ouve a voz da mãe.
- 5- Por que a voz da mãe tornou-se ego? Elisa cuidava de forma extremamente dedicada e eficiente da mãe. Mas, por vezes, sentia-se irritada com o trabalho que ela dava. Imagino que havia também uma irritação inconsciente da qual Elisa não se dava conta. Pode-se dizer que havia ao mesmo tempo um investimento narcísico na mãe - a mãe como parte do ego - e então a irritação era inconsciente ----- e um investimento objetal na mãe o que permitia sentir uma irritação consciente. Ela sabia que a mãe a incomodava como uma pessoa diferente de si mesma e a irritação era com a mãe. Mas a mãe era também uma parte narcísica de si, incorporada ao seu ego, e então a irritação era consigo mesma. Ela é quem era a culpada por se irritar com a mãe, pois não havia nenhum motivo razoável para isto. A passagem da não-voz (voz incorporada ao ego) para a voz passível de ser evocada na zona de fantasia é a passagem de um investimento narcísico na mãe para um investimento objetal. Ainda há um investimento narcísico na mãe, mas a passagem do narcísico para o objetal está aberta para ser trilhada e está sendo. Está em curso um processo de separação, um luto-separação ou luto propriamente dito. O movimento é da melancolia para o luto. A frase inicial que apareceu na mente de Elisa já apontava para esta direção. A liberdade é azul, e o vestir-se de azul é indicativo de um desejo de luto-separação que ocorreria quando fosse possível e que agora já pode acontecer. Muitos dos objetos da mãe continuam preservados para

manter sua lembrança... Elisa precisa da voz da mãe como uma voz benigna. No processo de separação, de luto-separação predomina o lado amoroso da ambivalência um lado que sempre predominou nos últimos tempos de sua relação com a mãe. E isto porque em Elisa, o aspecto de separação, de diferença predominou sobre o aspecto de identificação, de igualdade, de fusão. Quando há fusão, a raiva da diferença é muito mais violenta do que quando a diferenciação predomina (caso de Elisa). Isto pode ser exemplificado por um acontecimento terrível e chocante, recentemente ocorrido. Refiro-me ao assassinato e suicídio ocorridos na família Wunder, dos quais falaremos mais adiante.

A LIBERDADE É AZUL

Ao morrerem sua filha e seu marido, Julie passa uma borracha em sua existência passada, e pretende reiniciar uma nova vida sem vínculos. É uma reação defensiva a uma perda destituída de sentido, de uma violência inaudita e de um sofrimento incomensurável. Ela manda esvaziar o quarto da filha e vender a mansão em que vivia com o marido e a filha. Ela rasga a partitura que estava escrevendo com o marido numa tentativa de anular a vida passada com ele, de anular a sua recordação. O elemento de esperança, de redenção, de volta à vida encontra-se na conservação do candelabro azul do quarto da filha. Único objeto, único símbolo que sobrou de toda a tragédia, mas que é um sinal de esperança. Se usarmos aqui a teoria freudiana poderemos dizer que desapareceram da vida da fantasia de Julie, o marido e a filha, desta persistindo apenas um indício, um traço. Se desapareceram da vida de fantasia, para onde foram? Eu diria, ainda baseado em Freud, que se confundiram com o próprio ego de Julie, não podendo ser assim reconhecidos como pessoas. Passaram a fazer parte do ego de Julie e assim desapareceram quase sem deixar traço no mundo de fantasia. Quando Julie sabe da existência de uma amante na vida do marido, a fusão egóica Julie/marido se abala e o marido passa a ter uma existência no mundo de representação, no mundo de fantasia de Julie. A raiva até então inconsciente e que não podia ser elaborada, pode finalmente ser elaborada e a ambivalência tendeu para a generosidade e a bondade. O marido passou a estar presente na vida de fantasia, assim como a filha na pessoa do bebê que a amante do marido carregava no ventre. Saímos do mundo indiferenciado egóico para o mundo diferenciado da fantasia. Julie oferece então a mansão para a amante e a filha viverem, e retoma a sua vida, reconciliando-se com o marido, ajudando a terminar, com o auxílio de um amigo, a partitura musical que ficara inacabada. Saiu da esterilidade para uma vida afetiva. Saiu de um "tanto faz", de um sentimento de futilidade, para um sentimento de vida. Podemos dizer que a natureza de sua depressão e de seu luto mudou: passou de uma depressão vazia --- um luto de fixação --, para uma depressão elaborativa, um luto de separação.

CONCEIÇÃO

Casou-se sem amor e teve um filho a quem dedicou um incomensurável afeto carregado de expectativas. Este filho não correspondeu às expectativas de Conceição. Fusionado que estava a ele, a decepção foi enorme e a raiva ora ficava reprimida, ora se manifestava levando a discussões de grande intensidade. Podemos dizer que havia uma situação de ambivalência onde o componente agressivo narcísico tinha grande peso. Este filho morreu já adulto, e a dor sentida pela mãe foi imensa, ilimitada. Ela nada mais fazia na vida a não ser sentir dor. Uma dor de tal intensidade que o físico não se distinguiu do psíquico. Torturava-se com pensamentos de ter sido uma péssima mãe, de não ter agido com eficiência e presteza por ocasião de sua agonia e morte, sentia que agora a vida não lhe interessava, que só lhe restava morrer, pensava que ela não se continuaria no filho, desaparecendo ao morrer, o que tirava o sentido da vida. Não pretendia se suicidar, mas deixar-se-ia morrer. Passava a maior parte do tempo na cama sentindo a sua dor: abandonou os livros, as músicas, os filmes, de tudo que gostava. Só excepcionalmente saía de sua casa, a não ser que se tratasse de compromisso profissional. Gostava, porém, de receber visitas de alguma pessoas verdadeiramente amigas. Nessas ocasiões nada falava, apenas desfrutava da companhia dos amigos. Detestava ouvir as frases padrão de consolo. Queria sentir a dor e para ela nada mais havia nem haveria no mundo a não ser a dor. E, no entanto, havia um resíduo de instinto de vida que fazia com que ela não faltasse no trabalho, que a fez procurar análise e que, até certo ponto, mantinha a casa em ordem. Creio que podemos dizer que se trata de uma relação narcísica onde ela se confunde de tal maneira com o filho que o destino do filho - a morte - tem de ser o seu destino. Também a agressividade da relação, trouxe para a mãe uma carga de culpa que a manteve fixada na figura de filho à maneira de uma neurose traumática. A repetição mental e afetiva das situações de agressividade não abriram as fronteiras da fantasia; as situações imaginadas e sentidas não fluíram em direção a uma compreensão mais psicológica ou filosófica, mantendo Conceição atada às memórias, sem possibilidade de iniciar um processo de libertação que lhe daria a possibilidade de recuperar a vida que

havia perdido. Embora a representação do filho não estivesse oculta, não podemos dizer que estivesse na zona de fantasia. Embora representada, a figura do filho estava fortemente amarrada à zona narcísica, à zona egóica da mãe, sendo lá conservado vivo para uma fantasiosa e aprisionadora atitude alternativa; mais que na perda do filho, ou concomitante a isso, a mãe pensava obsessivamente no que ela tinha falhado, deslocando o acento do objeto para o narcísico. Fixada nela mesma, no seu comportamento, teve dificuldade em elaborar o luto do filho, em sentir visceralmente a sua perda. Só aproximadamente dois anos após a morte do filho, e com a ajuda de uma análise, a figura do filho está começando a se deslocar da zona do ego, da zona narcísica, para a zona objeto, zona da fantasia.

FAMÍLIA WUNDER: ASSASSINATOS E SUICÍDIO

Em 27 de maio de 2003 um engenheiro de nome Waldo de Carvalho Wunder, "pai dedicado e marido carinhoso, de 57 anos, matou a tiros a mulher Paulette, de 48, e as filhas Carolina de 19 (a quem chamava de 'minha princesa'), e Mariana, de 14, que era a sua 'Maricotinha'. Em seguida suicidou-se" (do jornal "O Globo" de 29 de maio de 2003). Que relação este acontecimento chocante tem a ver com luto? Sem dúvida, se nos identificarmos com os mortos --- o que é factível já que, como classe social, deles estamos próximos ---, poderemos sentir a dor da perda; porém mais que enlutados com tão brutal episódio, acredito que estejamos assustados pelo estranho/familiar/desconhecido potencial humano para a destrutividade, e mais assustados ainda por ter acontecido com uma família aparentemente normal e de nossa camada social: poderia ter acontecido conosco. Por isto mesmo, não é considerado de bom gosto remexer nestas coisas. Se ousar revolver estas feridas de identificação é porque o acontecimento ilustra com muita clareza a questão do narcisismo, conceito fundamental para nosso estudo sobre o luto e a melancolia. No luto perde-se o objeto externo e na melancolia perde-se uma parte do eu. Por quê? Porque a melancolia depende de uma relação narcísica do sujeito com o seu objeto. Na verdade o objeto não é reconhecido como tal sendo vivido como parte de si mesmo. Isto, em parte, explica a tragédia da Barra da Tijuca. Mulher e filhas eram dependências de Waldo e como partes de Waldo deveriam morrer com ele. Mas há mais um aspecto na melancolia. A relação de objeto sendo narcísica é também ambivalente, isto é, existe amor e ódio pelo objeto que ao mesmo tempo é parte de si mesmo, e ao mesmo tempo teima em ser diferente do si mesmo. Ao mesmo tempo o engenheiro Waldo queria dar à família todos os objetos desejados, e isto, não só pela solicitação da família, mas também por um ideal de ego narcísico dele próprio (ego ideal) em que o sucesso e a riqueza eram o objetivo. Ao mesmo tempo ele se sentia pressionado a dar algo que já não tinha condições de dar, pressionado por ele mesmo que desejava manter o status e pressionado pela família que também queria continuar usufruindo de objetos caros e de sua simbologia social. Essa pressão de si mesmo e da família alimentava o seu ódio de si e de seus familiares. Temos aí a característica ambivalência das relações narcísicas vistas de forma purificada; ama-se o igual e odeia-se o diferente. O igual é aquilo que corresponde a um eu ideal e o diferente é aquilo que está além da capacidade do eu ideal. O outro não é um outro mas é este mesmo eu ideal. Freud nos fala que a perda de objeto numa relação narcísica faz com que a libido recue até o ego, diferentemente da perda numa relação objeto em que a libido recua até as fantasias, não indo até o ego. Se a esposa e as filhas estivessem investidas de libido objeto elas estariam no campo da fantasia de Waldo e não no campo de seu ego. Seriam então vistas como entidades diferentes dele próprio e suas vidas seriam preservadas, pois não estariam organicamente, profundamente, egoicamente ligadas a ele. Mas, infelizmente, elas eram parte de seu ego e diante da frustração advinda da perda de status impossível de ser aceita por uma personalidade narcísica, houve um retorno do investimento não à fantasia, mas ao ego, onde habitavam os membros de sua família restrita. Diante da humilhação só restava o suicídio, a morte do ego, e no ego de Waldo habitavam mulher e filhas. Esta é uma situação melancólica e não uma situação de luto. Na melancolia o que se perde é uma parte de si mesmo. A perda de status era a perda de uma parte de si mesmo, sendo que neste si mesmo estavam incluídas mulher e filhas. Se a situação fosse de investimento objeto, a perda de status seria uma perda não de si mesmo, mas de um objeto externo e não haveria a tragédia. Vamos nos deter mais um pouco na questão do status. O status era um investimento narcísico e não objeto. Isto é, no status estava lançado o seu próprio ego. A sua relação com o status era uma relação narcísica. Perdendo o status perde parte de si mesmo. Se fosse uma relação objeto ele não teria perdido uma parte de si mesmo, mas um objeto externo e faria não uma melancolia que o levou à morte, mas um luto que lhe permitiria buscar outros objetos e assim, continuar vivendo. Da mesma maneira seu investimento na esposa e filhas era narcísico e não objeto. Elas eram objetos narcísicos, isto é, partes de si mesmo, e não objetos de sua fantasia, onde elas estariam dentro de si mesmo não como parte do ego, mas como parte da fantasia. Se elas eram parte de seu ego, era muito natural que morressem com o Waldo pois elas eram o próprio Waldo. Waldo se relacionava ambivalentemente consigo mesmo. Amava a si mesmo enquanto correspondia ao seu ego

ideal, e se odiava quando afastava-se do ego ideal. É a ambivalência da relação narcísica e a ambivalência da melancolia. Uma parte de si mesmo exigia manter o status. Outra parte de si mesmo odiava-se por não conseguir manter o status. A mãe e filha, dentro do jogo dinâmico da família, exigiam concretamente a manutenção de um status já impossível. Surge então um ódio narcísico de si mesmo, sendo que neste si mesmo está incluído não só o Waldo exigente consigo, mas a filha e mãe também exigentes. A ambivalência sai de seu ponto de relativo equilíbrio e o ódio predomina sobre o amor. Waldo mata a si mesmo inúmeras vezes ao atirar desmedidamente sobre sua família. É uma maneira de dar vazão ao ódio de uma parte de si, da mulher e das filhas. Daí o número excessivo de tiros. São indicadores do ódio. E, no conjunto, indicadores de uma relação narcísica que levou ao suicídio/assassinato, mas que, em outras circunstâncias poderia levar à melancolia, isto é, a uma fixação, a uma culpa, à auto-desvalorização, ao auto-ataque, à ruminação melancólica. Uma relação narcísica levou ao suicídio/assassinato. Em outras circunstâncias uma perda narcísica levaria à melancolia. A melancolia sendo uma perda do ego, e estando o ego intimamente ligado ao corpo (o ego é, basicamente, um ego corporal) compreende-se o aparecimento de transtornos e doenças psicossomáticas. Se quisermos especular um pouco podemos pensar que em sendo a melancolia uma perda de parte de si mesmo, corresponde, no plano das neuroses atuais, à neurastenia que segundo Freud, é uma perda de energia advinda de um excesso de masturbação. Seria uma doença orgânica por deficiência de libido e não por excesso como é o caso da hipocondria (paranóia) ou da neurose de angústia (a energia sexual excessiva investindo diretamente órgãos do corpo).

LUTO E PSICOSSOMÁTICA - UMA EXTENSÃO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA DA MELANCOLIA.

Começamos com a neurose de angústia, com a hipocondria e com a neurastenia, três neuroses atuais na psicopatologia freudiana. Na neurose de angústia há um excesso de energia, de libido que se descarrega no corpo provocando angústia. Na hipocondria, a perda do objeto numa relação narcísica faz com que a libido retorne ao ego produzindo sintomas psíquicos como por exemplo idéias paranóides de perseguição e grandeza. Esta é uma forma de dispersar o excesso de libido que invade o ego a partir da frustração. Se esses recursos não são usados, então o excesso de libido se descarrega no corpo, erotizando algum ou alguns de seus órgãos e produzindo hipocondria. Já na neurastenia os sintomas não advêm do excesso de libido mas de uma depleção. O excesso de masturbação diminui a quantidade de energia somática disponível, e o soma sofre as conseqüências dessa depleção adoecendo, pois ele precisa de um mínimo de libido para poder funcionar adequadamente. Na perda melancólica há uma depleção no ego. É uma parte do ego que se perde. Podemos, usando o raciocínio de Freud, hipotetizar que essa depleção terá como conseqüência um transtorno orgânico. Eu iria até mais adiante. Sendo o ego em grande parte corporal teríamos alguma doença orgânica: um câncer, uma úlcera péptica, uma tireotoxicose, diabete, leucemia, etc. (Ver "Concepção psicossomática - Visão Atual" de Júlio de Mello Filho.) Podemos hipotetizar que o processo de luto, no qual a relação libidinal é objetal e portanto o objeto perdido fica na zona de fantasia, também provoca sintomas somáticos, porém mais passageiros e menos graves, pois aqui não se trata de ego corporal mas de objetos que circulam na fantasia, fora do âmbito do ego. Por fim é preciso que se diga que há sempre elementos narcísicos e objetais na relação amorosa, isto é, a pessoa amada é sentida paradoxalmente como parte de si mesma e ao mesmo tempo como pessoa independente. Uma reação somática mais grave ou menos grave, mais permanente ou mais passageira, terá a ver com o modo de reação: poderá ser uma reação de luto ou uma reação de melancolia, ou um misto de ambos; o resultado dependerá de um complexo balanço entre investimento narcísico e investimento objetal.